

sua existência cotidiana, espontânea, no seu ambiente usual. Os quatro Evangelhos, componentes do Novo Testamento, são, em certo sentido respeitoso, as melhores páginas do folclore de um povo. Desde o seu nascimento, nas palhas de u'a manjedoura, cercado de animais domésticos, tendo por visitas primeiras os bons pastores das vizinhanças de Belém, (o presépio, não é, por excelência, até hoje, um expressão e forte motivo folclórico e artístico, em todo o Mundo?). Cristo viveu com o povo, falou em parábolas impregnadas de folclore (sabedoria e arte populares), serviu-se de todos meios de vida dos pequeninos, vestiu a túnica inconsútil, tecida por sua Mãe; ensinou sua filosofia e pregou o Cristianismo, que qualquer um compreendeu com o coração e o espírito, pelas formas populares de expressão. As bodas de Caná — primeira aparição social de Cristo — são a deliciosa cena comum de casamento, adotada pelo milagre da multiplicação e melhoria dos vinhos, a pedido de sua Mãe, temerosa de que viessem a entristecer-se as famílias dos noivos, pelo fracasso do festejo. Velava a Mãe, atenta àquela Família que a invocava; o Filho, por sua intercessão, propiciou jubilo ao fim da festa, a princípio ameaçada... Em tudo é de notar a legitimidade local, a autenticidade dos fatos e sua fixação folclórica.

Dai em diante, Cristo, longe dos palácios e das academias, caminhava de mãos dadas com o povo, pelas ruas e estradas da Judéia. Junto ao poço de Jacó, sob os raios ardentes do sol do meio-dia, enquanto esperava os discípulos adiantados em busca de alimento corporal, Jesus ofereceu, à alma de uma pecadora sedenta, a lição redentora de reabilitação moral, perdão e penitência, que é a "água viva da graça".

Além, à beira do lago — mar da Judéia, falava o Mestre como pescador a pescadores. "Atrai tua rede mais àquela banda"... e se fez a "pesca milagrosa!" Até mesmo a Ceia, a grande e consagrada Ceia, em que se definiu a tração de Judas, é típica, é folclórica, é usança tradicional na Judéia.

Enquanto Cristo caminhava para o seu martírio e a sua glória, humaníssima, sofredora e quieta, a Mãe guardava, no coração, em segredo (Lucas — 2-4-19) os sinais da grande tragédia da Crucificação. Tivera pré-aviso da missão a que vinha a seu filho. Asseverara-o Lucas, Evangelista.

Cristo falava da sua igreja qual árvore gasalhosa, a ramalhar ao vento, boa para abrigar as aves do céu, durante as soalheiras e as tempestades.

A parábola do semeador; a grandiosa e comovente cena da "multiplicação dos pães"; a parábola do bom samaritano que define um povo e seus defeitos e virtudes; à vida habitual das donas de casa, Marta e Maria; a atenção à sogra de S. Pedro; a parábola da "casa edificada sobre a rocha e a que foi erigida sobre a areia"... e tudo o mais, em linguagem regional, mas também universal, faz da genialidade e divina inspiração dos Evangelhos um livro simpático, acessível a todos genuinamente popular.

O céu é como o grão da mostarda, ou como o levêdo, que faz crescer o pão de cada dia...

A Mãe expectante acompanhava os passos sacrificiais do Filho...

Na história da Humanidade, os povos adotam Maria em suas raças, em suas tradições e até na semelhança fisionômica com o tipo étnico local.

Nossa Senhora, na Espanha, é andaluzia.

Conheço-lhe imagem espanhola com os traços da mulher da Galícia. As imagens russas de N. Senhora, revelam evidente identidade com as respectivas características rúicas, vestes e adornos regionais.

O mesmo acontece em vários outros países. No Brasil, por exemplo, nós veneramos N. Senhora da Aparecida, que é de cor escura e é tradição que jamais se conseguiu clareá-la.

Na hinterlândia brasileira, são inúmeras as invocações, sob aspectos vários, da Mãe de Jesus. Citemos algumas mais invocações de Nossa Senhora: Imaculada Conceição, Nossa Senhora do Pilar, Nossa Senhora da Conceição, Nossa Senhora do Rosário, Nossa Senhora do Carmo, Nossa Senhora das Mercês, Nossa Senhora das Dóres, Nossa Senhora da Assunção ou da Glória, Nossa Senhora Mãe dos Homens, Nossa Senhora da Lapa, Nossa Senhora da Boa Viagem, Nossa Senhora da Piedade, Nossa Senhora do Bom Sucesso, Nossa Senhora das Brotas, Nossa Senhora do Eom Despacho, Nossa Senhora da Ajuda, Nossa Senhora da Abadia, Nossa Senhora do Amparo, Nossa Senhora do Livramento, Nossa Senhora da Mãe de Deus, Nossa Senhora da Oliveira, Nossa Senhora do Carmo, Nossa Senhora da Graça, Nossa Senhora do Pôrto, Nossa Senhora das Candelas, Nossa Senhora do O', Nossa Senhora Auxiliadora, Nossa Senhora de Fátima.

Essa "nacionalização" e mesmo "regionalização" de Nossa Senhora corresponde à sincera emoção e dominante afeto pelo culto à Mãe, àquela que personifica universalmente a Maternidade e reflete o estilo Evangélico.

Nas fazendas de café, em certas regiões do Brasil, Nossa Senhora é alvo de intensa e sincera devoção: a protetora das lavouras e dos colonos e dos fazendeiros. Interpretando curiosíssima e sugestiva inspiração, o professor Joaquim da Rocha Ferreira, em estudo que juntamente realizamos, servindo-se de modelos tradicionais fixou, em tela feliz, magistralmente, o culto à *Madona do Café*. O quadro, cuja reprodução, devidamente autorizados, fazemos no clichê que acompanha este texto, é impressionante. Todos os símbolos e utensílios da atividade agrícola, ligados ao Café, foram representados na bela e realística concepção desse mestre da pintura em S. Paulo, a quem nestas linhas prestamos devida homenagem.

A expressão fisionômica de Nossa Senhora do Café é genuinamente cabocla. O manto e a túnica são de formato universal. Seus braços demonstram aplicação ao trabalho rudo e empunham um ramo simbólico de grãos de café. O olhar é de extrema e cativante doçura, espelhando imensa bondade.

Tem, sobre os joelhos, uma peneira para a "catação" e lida do café. O menino Jesus "cabolinho" abençoa o principal produto das terras brasileiras, a sua riqueza, o seu passado, e o seu futuro econômico e agrícola. As auréolas de luz, em torno das cabeças de Mãe e Filho espiritualizam as duas figuras, sinalizando-lhes a santidade. No halo em torno da cabeça de Jesus, há o signo da Cruz.

No segundo plano, a modesta casa de colono. Num banco rústico, uma cabocla. O carro de boi, no lado. Ao fundo, o abençoado e fértil arvoredo do cafezal, cujos frutos nascem da floração branca, a recordar a pureza de Maria; em meio ao verde da folhagem, no qual se representam as esperanças de riqueza e prosperidade, o vermelho-sangue

do sacrificio redentor e fecundo do Cristo está na "cereja", no fruto áureo do café.

O simbolismo é perfeito e incontestavelmente genuíno. Assim a religião se liga a todos os trabalhos e preocupações dos homens da lavoura.

Vejamos, além dessas qualidades folclóricas desta representação pictórica, o que há, quanto à apropriação do material, empregado na confecção do maravilhoso painel.

Ouçamos o ilustre e culto artista, que é, sem favor, o eminente professor Rocha Ferreira.

Descreve êle, com simplicidade e apurada técnica, o processo da pintura a ovo, cujas experiências são antigas e trazem o benefício dos mestres europeus, mas ao qual sentimento nacionalista. Para encerrarmos este estudo, transcrevemos as próprias palavras, que nos disse o mestre paulista, a respeito deste empolgante tema pictórico, de interesse espiritual para os laboriosos produtores da rubiácea. Disse o que segue.

"Impressionou-me profundamente, durante os meus estudos na Europa, em virtude de prêmio de viagem, a magia das cores dos pintores chamados precursores, século XII os "primitivos" do século XIII.

Cennino Cennini, no seu "Trattato della Pittura" ocupa-se (ano 1300) não só com a procura do natural, principalmente no amor e aperfeiçoamento das técnicas do afresco, do mosaico, da têmpera a ovo, e outras de pinturas "têmpera a ovo". Verifiquei, então, que as obras executadas a ovo, apresentavam-se mais conservadas, mais vivas e atraentes do que as pinturas a óleo dos pintores, que começaram a pintar com esse material no ano de 1400. A têmpera a ovo é o processo com que executei a "Madona do Café". A pintura, a têmpera. Não tem o brilho da pintura a óleo, que sacrifica, em parte, a boa visão; as tintas são mais sutis e transparentes, que a própria aquarela. Se, pois, as melhores obras da Idade Média até o princípio do Renascimento resistiram ao tempo, foi por serem pinturas à base de ovo, com emulsão de resinas, ou azeite cozido. A palavra têmpera, em italiano, expressa um aglutinante, uma liga, com que se podem misturar os pigmentos, fixando-os ao secar.

Têmpera a ovo é o processo tradicional mais vantajoso. A sua extraordinária resistência, posta à prova durante séculos, é verdadeiramente impressionante.

A técnica à caseína é também muito resistente e se parece com o afresco nos grandes murais.

Quanto à Madona do Café (— que o dr. Maurício Theophilus B. Ottoni tão bem analisou e situou, com rara fidelidade, no harmonioso conjunto de motivos evangélicos, por êle larga, profunda e impressionantemente composto e desenvolvido —) demos-lhe características locais do Brasil e da lavoura do café. A pena do letrado e filósofo condisse perfeitamente com os traços singulares e típicos da *figura pictórica*". — Nota: reproduzimos *data vénia*, palavra a palavra o texto fornecido pelo prof. J. Rocha Ferreira.

"O Estado", 9-3-1958)